

REPRESENTAÇÕES JUVENIS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO ATUAL: SER TRABALHADOR PARA OS JOVENS PARTICIPANTES DO PLUG MINAS¹

*Juveniles representations about the world of work: be worker for
youth participants of Plug Minas.*

MUNIZ, Luciano Borges²

MEDEIROS, Regina de Paula³

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de um estudo qualitativo que se insere no campo de investigação das relações que se estabelecem entre juventude e o mundo do trabalho. Diante das indicações e dos dados que apontam a valorização do trabalho entre os jovens, nos interessou investigar quais as razões que fazem com que o trabalho seja tão desejado e valorizado por esse grupo social. O principal objetivo desse estudo foi compreender quais são as expectativas dos jovens procedentes de escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana, participantes do Plug Minas, em relação ao mundo do trabalho e de que maneira a participação no Plug Minas se relaciona a essas expectativas.

Palavras-chave: Juventude; Plug Minas; Mundo do Trabalho.

ABSTRACT

This article presents results of a qualitative study that falls within the field of investigation of the relationships established between youth and the working world. Faced with the indications and the data pointing to recovery from work among young people, interested in investigating which are the reasons that cause the work to be coveted and treasured by this social group. The main objective of this study was to understand what the expectations of young people from public schools in Belo Horizonte and its metropolitan region, participants Plug Minas, in relation to the world of work and how to participate in Plug Minas relates to these expectations.

Keywords: Youth; Plug Minas; World of Work.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

² Mestrado em Ciências Sociais e Especialização em História e Cultura Afro-brasileira, ambos pela PUCMINAS. Graduação em História pela Faculdade de Pará de Minas (FAPAM). E-mail: <lucianoborgesm@yahoo.com.br>.

³ Doutorado em Antropologia Social e Cultural pela Universitat Rovira i Virgili em Tarragona, Espanha. Graduação em Serviço Social pela UFJF. Professora Adjunta III do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUCMINAS. E-mail: <repameca@pucminas.com>.

INTRODUÇÃO

Estudos que tomam como objeto de análise a juventude, em qualquer de suas manifestações ou relações sociais, incorrem nos desafios de definição deste conceito. Percebe-se que já se tornou comum considerar adequado o uso do vocábulo juventudes no lugar de juventude. Essa postura traz implícito o reconhecimento da juventude como grupo social múltiplo e diversificado que apresenta diversas possibilidades de definição conceitual, que se distanciam de definições objetivas e singulares.

Não existe consenso quanto ao critério de definição de juventude baseado na faixa etária. Como apontam Dayrell e Gomes (2009), no Brasil as estatísticas consideram como jovem o indivíduo que tenha entre 15 e 24 anos. Porém, algumas pesquisas tanto estendem para além dos 24 anos, quanto diminuem para antes dos 15 anos a idade daqueles que são tratados como jovens. Encontram-se indivíduos definidos como jovens desde os 12 até os 29 anos (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2009). Isso se explica, em parte, pelo fato de a categoria social juventude poder ser definida tanto por um caráter universal, que produz transformações físicas e biológicas, quanto por um caráter cultural, que é determinado pelas condições sociais e históricas de cada indivíduo (DAYRELL; GOMES, 2009).

Gropo (2000) entende que a sociologia da juventude tem a sua mais fraca colaboração no que se refere à tentativa de definição e conceituação do que é a juventude enquanto objeto de análise. Ainda segundo o autor, as definições sociológicas do termo passam por dois critérios principais e norteadores que não se encontram em conciliação. São eles: o critério etário, que reconhece como jovem aquele indivíduo que se encontra em determinado intervalo de idade, e o critério sociocultural, que considera a juventude como fase transitória ou momento de passagem para a vida adulta (GROPPO, 2000).

O autor define juventude como uma categoria social, uma representação sociocultural e um momento social que é definido por “concepções, representações ou criações simbólicas, fabricadas pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p.8). A proposta do autor se distancia da conceituação baseada apenas no critério etário, que é definido a partir de pressupostos naturais e objetivos, e amplia as possibilidades de definição a partir de outros critérios baseados nas representações simbólicas.

Entende-se que essa proposta evita os equívocos das definições que limitam o conceito à ideia de um grupo social coeso e rígido, ao mesmo tempo em que extrapola a ideia de juventude apenas como fase de preparação para a vida adulta. Em conformidade com essa perspectiva, Dayrell e Gomes (2009) entendem que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Os autores defendem que a definição de juventude deve considerar as transformações universalmente inerentes a todos os indivíduos durante determinada fase da vida e também as construções históricas e sociais que variam de grupo para grupo.

Mesmo diante dessas indefinições a juventude brasileira tem sido estudada nos últimos anos a partir de uma gama de temas variados que passaram a ser objeto de interesse, tanto da academia quanto das organizações políticas brasileiras. Dentre esses temas, o trabalho, ou a falta dele, e suas implicações para os jovens tem ganhado relevância. O valor do trabalho para a juventude e os usos sociais que os jovens fazem dele em meio à sociedade contemporânea têm-se destacado como aspecto investigado. Embora os enfoques sejam variados, as pesquisas nessa área apontam a valorização do trabalho em meio aos jovens que o percebem como elemento estratégico para a realização de seus projetos de vida.

Toda essa atenção destinada ao tema do trabalho juvenil no Brasil se justifica diante da realidade social brasileira que pode ser percebida pelos dados da PEA – População Economicamente Ativa. Segundo esses dados, um número bastante elevado de jovens brasileiros se encontra relacionado, de alguma forma, com o mundo do trabalho. Em 2009, de acordo com os dados do PNAD – IBGE, 33% da população brasileira era jovem⁴ e 73,1% dessa parcela da população compunha a PEA, isto é, população que trabalha ou que se encontra à procura de emprego (DIEESE, 2012). Observa-se que no Brasil para cada dez jovens, aproximadamente sete se encontram ativos no mercado de trabalho, enquanto que em países desenvolvidos o número é menor, já que para cada jovem ativo existem nove inativos. (POCHMANN, 2005).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotamos a concepção de juventude dos autores citados anteriormente e escolhemos como objeto de análise os jovens participantes do Plug Minas – Centro de Experimentação Digital, aqui denominados sujeitos ou atores da pesquisa. O Plug Minas é uma política pública do governo de Minas Gerais voltada para atender ao público jovem de Belo Horizonte e Região Metropolitana que tenha entre 14 e 24 anos e seja estudante ou egresso de escolas da rede pública de ensino. Esse centro de experimentação digital visa oferecer aos jovens participantes cursos em diversas áreas do conhecimento que envolva a cultura digital, a arte ou o empreendedorismo. A expectativa dos formuladores do programa é obter resultados na área do trabalho, da educação e da participação social (LARA, 2010). Como o público alvo do Plug Minas são os jovens e um de seus objetivos é alcançar resultados no campo do trabalho, entendemos que seria apropriado o estudo do tema nesse ambiente.

A proposta de investigação deste estudo se baseou nas percepções e nos sentidos juvenis. Interessou-se pela maneira como os jovens entrevistados percebiam e falavam sobre os aspectos contemporâneos do mundo do trabalho, desejo de inserção, fatores que dificultam a inserção juvenil, tipo de trabalho ideal, qualificação, currículo e, principalmente, sobre o que os motivam a trabalhar. Para sua efetivação, optou-se pelo uso da metodologia qualitativa.

Priorizando a análise das significações e representações atribuídas pelos jovens participantes deste estudo, no ato de suas falas ou manifestações linguísticas exteriorizadas durante as entrevistas, a postura metodológica foi analítica, buscando a reconstrução de sentidos. As técnicas utilizadas foram a análise documental,

⁴No estudo *A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*, de onde se extraiu essa informação, utilizou-se a faixa etária entre 16 e 29 anos para afirmar que 33% da população brasileira era composta por jovens em 2009.

a observação direta, entrevistas individuais com os técnicos (coordenadores dos núcleos do programa) e entrevistas em grupo dialógicas/participativas com os jovens participantes do Plug Minas.

No início do trabalho de campo, havia uma previsão de que as entrevistas fossem realizadas com 10 (dez) grupos compostos de 8 (oito) jovens, o que totalizaria 80 jovens entrevistados. Desses grupos, 5 (cinco) seriam constituídos de jovens matriculados e frequentes nas atividades do Plug Minas e os outros 5 (cinco) seriam formados por jovens que, embora tivessem se inscrito para participar do programa, não estivessem matriculados por alguma razão, como não ter sido aprovado no processo seletivo ou mesmo não ter procurado o programa após a inscrição.

Todos os grupos com os jovens matriculados foram realizados. Quanto aos não matriculados, apenas dois foram realizados, com a presença de 2 (dois) jovens em cada grupo. Esse fato se deu devido à indisponibilidade dos jovens para participar das entrevistas e as justificativas destes variavam entre falta de tempo e interesse para a participação. Acredita-se que isso ocorreu devido ao fato de esses jovens não terem vínculo com o Plug Minas. Dessa forma, mesmo mediante a oferta de recursos para o deslocamento e horários flexíveis, os jovens não se interessavam em participar do processo.

Em relação à composição dos grupos entrevistados, adotou-se o critério de sorteio aleatório, que foi feito a partir de lista com os nomes de todos os alunos matriculados no Plug Minas no ano de 2012 e também de todos os inscritos no programa e não matriculados, no mesmo ano. Esses grupos contemplaram alunos dos seguintes núcleos: Empreendedorismo Juvenil; Oi Kabum!; Valores de Minas; INOVE – Jogos Digitais e Laboratório de Culturas do Mundo. Os nomes dos jovens entrevistados que serão apresentados neste texto foram alterados com o objetivo de preservar a identidade dos mesmos.

O UNIVERSO DA PESQUISA – CARACTERIZAÇÃO DO PLUG MINAS

No Estado de Minas Gerais, a juventude foi apontada como grupo prioritário nas políticas públicas do Governo do Estado, de acordo com o Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado - 2007-2023 (MINAS GERAIS, 2006). Toda essa importância dada aos grupos juvenis em Minas Gerais faz parte de um contexto de valorização dos jovens como sujeitos sociais, ocorrido nos últimos anos, e que tem influenciado decisivamente a formulação de políticas públicas para esse público no Brasil. O número de ações políticas voltadas para os jovens tem aumentado, tanto na esfera municipal quanto nas esferas estadual e federal. Mais relevante que o aumento no número de políticas públicas para os jovens tem sido a alteração na representação dos jovens no discurso dos formuladores dessas ações.

Em meio a ambientes onde ocorre a formulação de políticas públicas para a juventude, parece ter sido superada a imagem do jovem como indivíduo que merece atenção especial por viver uma fase de vida propensa a riscos e experiências de vida problemáticas. Essa imagem, até então predominante,

dá espaço à imagem do jovem como indivíduo potencialmente estratégico para o seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento social. Essa alteração foi possível a partir das ações construídas desde o final do século XX e que, no Brasil, culminou com uma série de feitos voltados para a juventude, dos quais se pode destacar a criação da Secretaria Nacional da Juventude em 2005. Este tem sido o contexto em que surgem as políticas públicas para os jovens no Brasil e onde se insere a criação do Plug Minas.

Em 2009 o Governo de Minas Gerais implantou o Centro de Formação e Experimentação Digital – Plug Minas, projeto que faz parte das políticas públicas estaduais, voltado para a população jovem de Belo Horizonte e região metropolitana. Trata-se de um projeto com pretensões bastante amplas que pretende obter resultados não apenas no campo do trabalho juvenil, mas também nas esferas sociais em que o jovem atua.

O Plug Minas tem como objetivo fazer com que os jovens participantes desenvolvam competências para lidar com os mais variados aspectos da cultura digital, da tecnologia e das artes e que, a partir da apropriação dessas competências, os jovens coloquem-se no mundo como protagonistas de sua própria trajetória, seja no mundo do trabalho ou em outras esferas sociais nas quais seja possível a participação deles. O documento intitulado *Termo de Replicação*, que contém a missão do Plug Minas, destaca, além do interesse em inovações para o trabalho, a expectativa de que os jovens também desenvolvam novas formas de convivência social e se beneficiem de oportunidades educacionais, especialmente na área da cultura digital. Segundo o documento, a missão do programa é “construir novas formas de convivência socioeconômica baseadas no protagonismo e na inovação para o mundo do trabalho, atuando em diálogo com o jovem na criação de oportunidades educacionais e aprendizagens significativas em domínios da cultura digital (PLUG MINAS, 2009, p.6).

Lara (2010) sugere que a proposta do programa é atuar no potencial da juventude como coprodutores de um presente concreto, baseado em suas competências emergentes nas áreas da tecnologia e arte, com ênfase no mundo do trabalho, na educação e na sua participação como agentes mobilizadores de forças políticas e sociais. A autora aponta que o programa tem por objetivo alcançar resultados nas áreas da educação, da participação social e do trabalho, com ênfase na qualificação, na inserção profissional e no empreendedorismo juvenil (LARA, 2010).

O Plug Minas concebe o jovem como ator social relevante e estratégico para o desenvolvimento pessoal e social. Essa concepção pode ser percebida na documentação oficial do programa, no discurso dos gestores e entre os próprios participantes que se percebem dessa maneira. Além disso, desenvolve-se no programa uma série de canais para que o jovem expresse sua opinião e participe ativamente dos processos de aprendizagem que ocorrem dentro de suas instalações.

O Plug Minas tem grande aceitação entre os jovens que participam de suas atividades. Ao utilizar e valorizar a cultura digital em suas atividades, com vistas à preparação do jovem para a vida social e o mundo do trabalho, o programa fornece aos jovens a possibilidade de contato com um ambiente que lhe interessa,

ao mesmo tempo em que lhe oferece conhecimento e certificação que servirão a ele como importante diferencial para sua vida futura. Quando os gestores incentivam a fala dos jovens, através da realização de inúmeras pesquisas internas, estes, além de fazerem com que os jovens se sintam parte do Plug Minas não apenas como alunos, mas como parte ativa dos processos internos, ainda contam com as informações adquiridas para adequar e modificar aspectos que não estejam atendendo às expectativas do seu público-alvo.

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO PLUG MINAS EM 2012

O Plug Minas funciona com 8 (oito) núcleos, no entanto, somente 5 (cinco) são direcionados aos jovens, através do desenvolvimento de cursos ou atividades que exigem matrícula e frequência. Por essa razão, apenas jovens matriculados em um desses núcleos fizeram parte desta pesquisa. Esses núcleos são: *Empreendedorismo Juvenil*, *INOVE – Jogos Digitais*, *Valores de Minas*, *Oi Kabum!* e *Laboratório de Culturas do Mundo*. Os outros núcleos referem-se a centros administrativos ou lugares que desenvolvem atividades esporádicas ou com outros públicos, como o núcleo Amigo do Professor, que oferece atividades de capacitação ou aperfeiçoamento voltadas para os professores da rede pública de ensino.

Em 2012, ano da realização desta pesquisa, o Plug Minas contava com 1.320 jovens matriculados nos 5 (cinco) núcleos apresentados acima. No mesmo ano, 7.846 jovens inscreveram-se para o programa, mas não efetivaram sua matrícula por não terem sido aprovados no processo seletivo ou por não darem sequência ao processo de efetivação da matrícula até a conclusão de todas as etapas. Esses dados mostram que o número de jovens que tentaram, mas que não conseguiram efetivar sua matrícula é quase 5 (cinco) vezes maior do que o número de jovens que se encontravam matriculados no ano de 2012, conforme demonstra a TABELA 1.

TABELA 1
Composição do universo da pesquisa por sexo

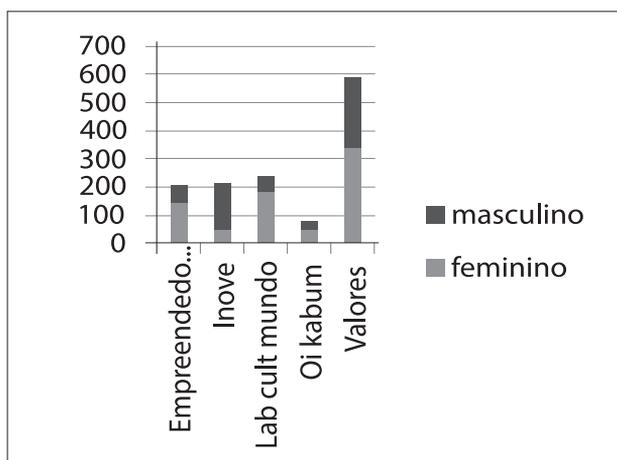
GRUPOS	GRUPO DE JOVENS MATRICULADOS		DEMANDA – NÚMERO DE INSCRIÇÕES	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
SEXO	761	559	4.982	2.864
TOTAL	1.320		7.846	

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à faixa etária e ao sexo dos jovens, os dados apresentados nos GRÁFICOS 1 e 2 mostram, respectivamente, que a maioria dos jovens participantes do Plug Minas é do sexo feminino e que está na faixa etária entre 16 e 20 anos. O único núcleo em que a maioria dos alunos era do sexo masculino era o núcleo

INOVE, que oferece curso relacionado a jogos digitais bidimensionais e que visa preparar o jovem para atuar em áreas voltadas para a programação e *design* de *games*. Esse dado parece ser uma indicação de que atividades relacionadas a jogos digitais são mais características da preferência de jovens do sexo masculino, o que justificaria uma maior procura destes pelo núcleo INOVE.

GRÁFICO 1
Distribuição dos jovens frequentes por sexo

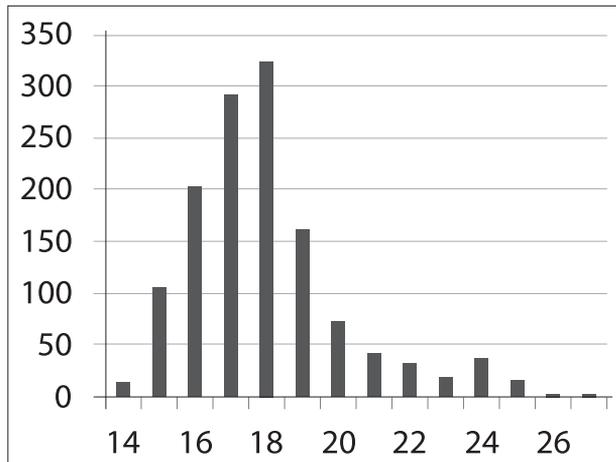


Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos jovens do Plug Minas, no ano de realização da pesquisa, tinha entre 16 e 20 anos. Esse dado representa maior preocupação dos jovens que se encontram nessa faixa etária com uma preparação educacional que possibilite, posteriormente, inserção profissional no mercado de trabalho. Analisando a situação dos jovens metropolitanos, no que se refere ao trabalho, ao estudo e à procura por trabalho, a pesquisa feita pelo Dieese em 2012, que analisa a situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000, aponta para a tendência dos jovens com menos de 18 anos a se dedicarem mais aos estudos e menos ao trabalho, ao passo que uma maior parcela de jovens maiores de 18 anos se dedica mais ao trabalho e menos aos estudos. Os dados referentes ao Plug Minas no ano de 2012, no que se refere à idade dos participantes, corroboram essa indicação, já que a maioria dos jovens matriculados nesse ano tinha 18 anos.

Segundo os dados da referida pesquisa, em Belo Horizonte, no ano de 2009, 57,6% dos jovens de 16 e 17 anos só estudavam, enquanto que apenas 4,2% só trabalhavam, 17,4% estudavam e trabalhavam e 2% nem estudavam e nem trabalhavam. Quando observada a faixa etária de 18 a 24 anos, os números se invertem, diminuindo a quantidade dos jovens que só estudavam e aumentando o número dos que só trabalhavam. Nessa faixa etária, os que só estudavam em Belo Horizonte representam 14,7%, enquanto que os que só trabalhavam representam 41,4%, os que estudavam e trabalhavam são 18,1% e os que não trabalhavam e nem estudavam representam 9,6%.

GRÁFICO 2
Distribuição de jovens matriculados por idade

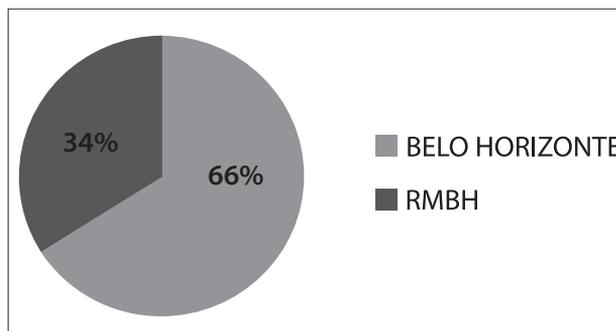


Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme indica a pesquisa do Dieese (2012), a transição da escola para o trabalho ocorre por volta dos 18 anos. Esta parece ser a realidade da maioria dos jovens envolvidos com o Plug Minas. Os jovens que têm entre 16 e 18 anos vivem a fase de transição da escola para o mundo do trabalho, esperando que a participação no Plug contribua, de forma significativa, para que essa transição se efetive.

No que se refere ao local de moradia, dos jovens que frequentam o Plug Minas, os números indicam, conforme mostra o GRÁFICO 3, que 66% residem em Belo Horizonte e os outros 34% residem na região metropolitana, nos municípios de Contagem, Betim, Ibirité, Esmeraldas, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Sabará, Mateus Leme e Vespasiano.

GRÁFICO 3
Percentual de jovens frequentes no Plug Minas por local de moradia – Belo Horizonte/ Região Metropolitana em 2012



Fonte: Dados da pesquisa.

Para os jovens que residem em Belo Horizonte, a questão da localização da moradia parece ser um fator relevante para a participação no programa. Para formular essa suspeita, utilizou-se como referência a divisão regional feita pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que agregou o espaço urbano do município em nove regiões ou regionais administrativas (MARQUES, 2006). Diante desses dados, percebe-se que há uma concentração de jovens frequentes no Plug Minas que residem em regionais administrativas próximas à regional onde se situa a sede do programa e um número bastante menor de jovens que residem em regionais mais distantes daquela onde está localizada a sede do Plug Minas.

As regiões que apresentam maior número de jovens matriculados no programa são as regionais: Leste, onde se situa o Plug Minas, Nordeste, Noroeste e Norte. Como essas regionais administrativas são as que se encontram mais próximas da regional do Plug Minas, pode-se sugerir que, embora os núcleos forneçam recursos para o deslocamento dos jovens de suas casas até a sede do programa para a realização dos cursos, a localização e as dificuldades de deslocamento parecem influenciar no que se refere à participação dos jovens no programa.

No ano de 2012, 64% dos jovens matriculados no Plug Minas residiam nas 4 (quatro) regionais administrativas que foram citadas anteriormente, enquanto que 36% residiam nas outras 5 (cinco) regionais que completam a divisão administrativa da cidade de Belo Horizonte, estabelecida pela prefeitura.

Outro fator que nos pareceu servir para explicar essa concentração de jovens participantes nas regionais administrativas próximas do Plug Minas é a maneira como ocorre a divulgação do processo seletivo para ingresso em um dos núcleos do programa. Embora exista a utilização de meios de divulgação mais abrangentes, como a televisão ou jornais impressos de circulação por toda a cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana, algumas escolas são selecionadas para a divulgação das vagas que são oferecidas. Seria interessante analisar se as escolas selecionadas, durante os últimos processos de divulgação, encontram-se nessas mesmas áreas onde reside a maioria dos jovens envolvidos com o programa. Isso possibilitaria saber se a divulgação direta nas escolas é mais eficiente para a concretização da procura pelo Plug Minas do que os outros meios utilizados. Ao mesmo tempo, saber-se-ia se a grande concentração de jovens de áreas próximas do Plug está relacionada diretamente com o processo de divulgação nas escolas da região.

Interessou-nos investigar qual é a meta de cobertura do programa Plug Minas, a fim de sabermos quantos jovens o programa objetiva atender a cada ano. Ao que parece, essa meta, se existe, já sofreu alteração, desde o início do programa, em 2009, até o presente, já que a pretensão é ampliar o número de jovens participantes por meio da abertura de novos núcleos. No entanto, a documentação a que tivemos acesso não esclarecia as pretensões numéricas do Plug Minas e as informações solicitadas a esse respeito não foram fornecidas.

Durante a realização da pesquisa, destacou-se o fato de que, embora o Plug Minas tenha uma missão estabelecida oficialmente e representada em seus documentos, os jovens que participam do programa constroem representações sobre suas participações de acordo com suas experiências e expectativas, o que passaremos a discutir a seguir.

A IMAGEM DO PLUG MINAS NO IMAGINÁRIO DOS JOVENS ENVOLVIDOS COM O PROGRAMA

Durante as análises, a fim de se conhecer melhor o Plug Minas, destacaram-se as percepções e sentidos dos jovens matriculados em um de seus núcleos. Para tanto, durante as entrevistas, exploraram-se assuntos relacionados à maneira como os jovens percebiam o Plug Minas. De todas as informações a que tivemos acesso, nenhuma delas foi tão repetida e intensa quanto a que se relacionava com a forma positiva como o Plug Minas é percebido pelos jovens participantes do programa. Durante as entrevistas os jovens faziam questão de ressaltar a influência que a participação no Plug Minas exerce sobre suas condutas, formas de ver o mundo e se relacionar com as outras pessoas. É expressiva a satisfação desses jovens com as atividades que são desenvolvidas em qualquer um dos núcleos do programa. A ideia de que a participação no Plug Minas representa um marco na vida desses jovens esteve presente na fala de praticamente todos os jovens entrevistados, de forma que, após saírem do programa, estes serão outras pessoas, mais capazes e aptas para enfrentar os desafios do mundo do trabalho, dos relacionamentos interpessoais e da vida social como um todo.

O programa, na concepção desses jovens, representa uma realidade que se distancia muito das realidades escolares com as quais os jovens tiveram experiências anteriores. A satisfação em participar do programa aparece, em muitos momentos, vinculada à insatisfação dos jovens em relação à escola tradicional onde eles estudam ou estudaram. Nessa relação, o Plug Minas ganha uma representação de lugar ideal, que oferece várias possibilidades para o jovem se desenvolver, a partir de uma linguagem dele mesmo, que é construída e transmitida com a participação deste. Dessa forma, o Plug Minas é visto como um espaço onde é bom estar, tanto pela infraestrutura que oferece, quanto pelas pessoas que dele participam e que são vistas como mais interessantes e mais acessíveis do que as pessoas dos outros ambientes frequentados por eles. É dessa maneira que o jovem do Plug Minas vê e fala sobre o projeto.

Mas a infraestrutura aqui também é muito boa. Quando eu entrei aqui pela primeira vez, eu falei: “Meu Deus, que lugar é este?” Verde, natureza, eu acho aqui perfeito. E aqui os professores também são assim... de primeira. Eu não conheço os professores assim dos outros cursos e tal, mas os professores de administração, eles são... nossa, eles tem uma dedicação com a gente e eu percebo também a diferença muito grande entre os professores que eu tenho aqui e os professores que eu tinha na escola. Porque, assim, na escola, os professores assim... dão a matéria e meio assim, que tem que dar aquilo meio que obrigado. Aqui não, os professores daqui realmente querem ver você crescer. Tá no meio da aula, eles vão e te perguntam. E se você não entender, eles explicam quantas vezes for necessário. E eu acho que isso também é a dedicação deles que conta muito. (Mariana, 18 anos, Empreendedorismo Juvenil)

Foram poucas as vezes em que os aspectos positivos do Plug Minas foram ressaltados sem que os entrevistados não apontassem aspectos negativos das escolas de onde eles vêm ou vieram. As queixas sobre as escolas ocorriam em relação aos professores considerados “chatos”, em oposição aos professores do Plug Minas considerados “bons”. Também reclamavam da falta de autonomia, da impossibilidade de criação e da ausência de uma estrutura tecnológica semelhante à do Plug Minas,

nas escolas de onde vinham. A fala da jovem abaixo aponta a forma de ensinar no Plug Minas como fator determinante para sua preferência pelo Plug Minas e não por sua escola. Segundo ela, enquanto que os professores da escola sentem-se superiores aos alunos e comportam-se como chefes, os do Plug são mais próximos dos alunos e propiciam o gosto por estudar no programa.

Eu não gosto de estudar em escola normal, mas no Plug já é diferente, porque o jeito de ensinar aqui é bem diferente do que a escola normal. Na minha escola normal, parece que o professor é o... ele é o chefe. Ele é superior a todo mundo que está ali. Ele se sente o chefe, o superior. E aqui já não é. Aqui eles, os professores, são iguais à gente. Então eu prefiro estudar aqui que estudar na escola. Aí você fica com mais interesse do que se fosse numa escola normal, com aquele chato na frente dando ordem pra gente. Aqui já é o contrário: você se interessa e faz o que você quer. (Karine, 18 anos, Oi Kabum!)

Muitas atividades desenvolvidas nos núcleos do Plug Minas são realizadas ou complementadas por meio virtual, o que os jovens percebem como ponto positivo. Os jovens destacam também a facilidade que eles têm em usar a internet no ambiente do Plug Minas, pois apontam a qualidade da conexão da internet como ótima, o que permite acessar e baixar coisas de seu interesse com muita velocidade. "Aqui no Plug tem um negócio... Como é que fala mesmo? O *wi-fi*, né? É violento. O daqui é ótimo. Tem várias antenas espalhadas aí, qualquer clique que "cê" dá, tudo abre. Tudo abre. É ótimo." (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)

Também aparece como diferencial do Plug Minas a infraestrutura do local e a autonomia/possibilidade de criação que os jovens têm na realização das atividades do programa. A aquisição de conhecimento por meio eletrônico, o uso da tecnologia, a autonomia na busca e na construção do conhecimento, a perspectiva de futuro são, segundo os jovens, elementos presentes nas relações entre os jovens e o Plug Minas e que inexistem nas escolas tradicionais.

O TRABALHO COMO ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA A AUTONOMIA E O CONSUMO JUVENIL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A estrutura contemporânea de organização social tende a conduzir o interesse do jovem para o trabalho, principalmente por sua capacidade de possibilitar o acesso ao consumo. Os processos de consumo são considerados de grande importância entre as atividades sociais que se desenvolvem atualmente e contribuem, de forma decisiva, para a construção identitária dos jovens. Dessa maneira, o trabalho, entre os jovens, é valorizado e tido como necessário, primeiramente por ser visto como instrumento que potencializa os processos de identificação juvenis, muitas vezes construídos através da posse de produtos que são adquiridos via consumo e servem a eles como marca de distinção social. O dinheiro conseguido por meio do trabalho permite ao jovem se sentir parte ativa de uma sociedade marcada pelas modas fugazes e pela constante renovação dos desejos. Então, deriva-se, dessa situação, o valor atribuído pelo jovem ao trabalho, já que este enxerga nele o meio mais acessível, se não for o único, para conseguir dinheiro.

Ficou evidente, durante as entrevistas, que para os jovens a função primária do trabalho é a possibilidade de gerar dinheiro para o indivíduo. Embora outras vantagens possam ser alcançadas por meio do trabalho, o dinheiro conseguido em consequência dele é apontado como primeiro motivador para que o jovem procure se estabelecer em um emprego. Como é possível perceber nas falas abaixo:

Acho que o que mais tem é jovem querendo trabalhar cedo pra conseguir dinheiro. (Denise, 17 anos, Laboratório de Culturas do Mundo). Então, assim... não trabalhar é como se tivesse me matando, porque ficar sem dinheiro é muito ruim. Tem que sair, você não tem dinheiro, você tem que ficar "pedindo seu pai". Ele pergunta pra quê. Aí você fica: "Ai, meu deus!", tem que ficar dando explicação pra que que eu quero dinheiro. Então... assim... sei lá. Ficar sem dinheiro é muito ruim. (Laura, 17 anos, Valores de Minas)

Nota-se que o dinheiro para o jovem aparece como condição elementar para a realização de um estilo de vida típico da sociedade contemporânea, já que sua posse, além de permitir o consumo imediato, garante a autonomia em relação aos pais, evitando a necessidade de explicações toda vez que se pede dinheiro a eles. "Adoro gastar no *shopping*. Eu gasto com tudo. Com roupa, com *shopping*. Porque você é adolescente, tem dinheiro na mão não é pra ficar" (Gabriel, 17 anos, INOVE).

Outras formas de utilização do dinheiro, que não seja o consumo imediato, parece ser algo impensável para a juventude que entende que dinheiro não deve ser economizado, pelo menos enquanto se é jovem. A utilização do dinheiro está relacionada à satisfação de desejos, constantemente renováveis, de consumo. Fazer economia para o futuro ou colaborar com as despesas de casa foram ideias pouco relevantes nas falas dos jovens, quando questionados sobre a utilidade do dinheiro para eles.

O desejo de frequentar o *shopping* aparece como atividade preferida da grande maioria dos jovens entrevistados. Embora muitas vezes o consumo juvenil ali se restrinja à alimentação e ao ingresso do cinema, ao jovem também interessa a sensação de estar naquele lugar, ser visto e percebido pelos demais, o que também pode ser entendido como uma forma de consumo do próprio lugar. O estar no *shopping* parece ser percebido pelos jovens como uma indicação de pertencimento ao grupo daqueles que representam bem a juventude contemporânea, munidos de autonomia e poder de consumo.

Se levarmos em conta que as culturas juvenis, como aponta Pereira e Barbin (2010), são performativas e que os próprios corpos dos jovens servem como marcas de pertencimento e processos de identificações, o consumo, que é representado pelo que se veste, pelos adereços corporais, pelo que se come e por onde se está, ganha muita relevância para a definição das identidades juvenis. Nesse processo, o jovem contemporâneo absorve os valores da sociedade de consumo e passa a entender a condição de ser consumista como algo desejável. Mesmo quando percebem que o consumo pode prejudicar e atrapalhar sua organização financeira e pessoal, consumir é tido por eles como algo positivo. Como explicam os jovens abaixo:

Então, assim, eu tenho que parar com essa coisa de comprar demais, me conscientizar e economizar um pouco mais. Às vezes isso me atrapalha. Fico meio perdido nisso tudo,

mas é bom (Davi, 17 anos, Oi Kabum!). Eu gosto muito de ir para o *shopping*, cinema. Eu gosto muito de moda, aí eu gosto de olhar assim. Sou meio consumista também. (Alice, 16 anos, INOVE).

Nas entrevistas foi observado que não existe uma relação entre o consumo juvenil e a necessidade. Para os jovens o consumo parece não ter relação significativa com a necessidade, mas sim com o desejo. Embora não seja impossível identificar produtos que o jovem, ao mesmo tempo, declare desejar e necessitar, nem sempre essa situação é verificada. As necessidades, quando existem, podem ser velozmente passageiras, acompanhando o ritmo que guia a sociedade contemporânea. Em questão de dias, o que fazia todo o sentido para um jovem, perde o sentido e logo a utilidade. O comprar e o poder consumir são ações que ganham valor em si mesmas e passam a motivar o ato da compra totalmente desvinculado da ideia de necessidade. Na fala do jovem Jonathan, percebe-se uma anulação da lógica necessidade/consumo, quando ele declara que seu desejo para comprar se dá mediante aqueles produtos que ele não precisa. “Às vezes eu vejo uma coisa assim e eu não preciso. É uma coisa, um defeito que eu tenho que consertar em mim. Tudo que eu não preciso, eu quero comprar. [risos] Eu tenho que parar com isso. Eu sou um tanto consumista” (Jonathan, 18 anos, Laboratório de Culturas do Mundo).

O jovem Samuel é enfático ao dizer que, se tiver dinheiro, compra, mesmo que o produto não seja útil a ele. Caso ele goste do que vê, somente não compra se não tiver o dinheiro: “Se eu ‘ver’ uma coisa, assim, que me agrada, pode não ser muito útil pra mim, mas, se eu gostar, aí eu vou comprar, se eu tiver dinheiro” (Samuel, 18 anos, Laboratório de Culturas do Mundo).

A aquisição de produtos que não são úteis ocorre de forma acentuada entre os jovens, que demonstram fazer desse processo de aquisição um momento em que praticam algo que se identifica com o ser jovem atualmente. O poder de consumir parece ter maior importância do que o de ter a posse dos produtos, assim como o poder de frequentar determinados lugares, como o *shopping*, e renovar esse poder através da aquisição de dinheiro parece ser mais importante do que estar em outros lugares que não sejam tão explicitamente identificados com a sociedade atual.

Ao que parece os jovens entrevistados não são capazes de visualizar muitas possibilidades para a realização do desejo de consumo sem contar com o dinheiro adquirido com o próprio trabalho. Não se trata de uma afirmação, mas é possível que se pense que o fato de todos os jovens envolvidos nesta pesquisa serem estudantes ou egressos de escolas públicas indique que a maioria destes pertence a contextos sociais em que não se pode contar com recursos de pais ou de outros membros familiares para a realização de seus desejos de consumo, em níveis que satisfaçam seus anseios. Como estão inseridos em um contexto social de valorização do consumo, os jovens entendem que a forma de ter acesso ao que se deseja é através da conquista do dinheiro, que para o grupo pesquisado é possível, principalmente, através do trabalho.

As atividades mais mencionadas pelos jovens entrevistados, quando questionados sobre qual é a utilidade do dinheiro, foram: o consumo, as possibilidades de frequentar determinados lugares como o *shopping*, de estar junto com os amigos e ter maior autonomia para consumir sem a necessidade de pedir dinheiro aos pais.

Quando foram perguntados por que o jovem se preocupa tanto em ter emprego, a resposta predominante foi: para ter dinheiro. Logo, entende-se que o trabalho tem se destacado como assunto central no interesse da juventude porque ele é percebido como o principal meio que possibilita ao jovem um estilo de vida, que é considerado por ele como adequado e típico da juventude contemporânea, dependente, em grande parte, da posse do dinheiro que o habilita para o consumo.

Em alguns momentos, o desejo de estar empregado parece estar exclusivamente relacionado à possibilidade de ter dinheiro para consumir. Verificou-se que o trabalho aparece também como condição para outras pretensões dos jovens, como ter autonomia ou ser reconhecido como trabalhador, porém, o consumo se destaca como pretensão mais determinante para o desejo de trabalhar.

O consumo, em alguns momentos, aparece com a conotação de “vício”. Observa-se na fala da jovem Valéria a necessidade constante de consumir determinados produtos todas as vezes que ela se encontra em situações específicas. Valéria diz que, se não consumir produtos do McDonald’s, todas as vezes que ela vai ao *shopping*, ela volta para casa com a sensação de não ter ido ao *shopping*.

E, assim, é um negócio compulsivo. Se eu for “no” *shopping* e não for comer um sanduíche no McDonald’s, é como se eu não tivesse ido. Ou se não tomar um sorvete, nem que seja uma casquinha, é como se eu não tivesse ido. Então, é uma tentação. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo).

Alguns entrevistados apresentam exemplos do consumo de gêneros de baixo custo e que ocorrem corriqueiramente, como no caso do sanduíche ou do sorvete do McDonald’s. Outros se referem ao consumo, quando falam sobre seus projetos de vida, e colocam a capacidade de consumir como parte dos planos para o futuro. Independente da maneira, o consumo sempre apareceu como elemento relevante quando os jovens falavam sobre seus cotidianos ou expectativas para o futuro.

Eu estipulei uma meta pra mim, que daqui cinco anos eu pretendo estar numa estabilidade de vida. Não ser rica, mas eu quero estar numa estabilidade assim, onde eu possa entrar em qualquer lugar e falar assim: “eu quero aquilo e eu posso comprar aquilo à vista (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo).

Na sociedade contemporânea ou apenas sociedade do consumo, o que se consome é secundário, pois o importante é poder consumir, tanto no presente quanto no futuro; mas para que essa conquista se torne real é necessário trabalhar. Para grande parte dos jovens desta pesquisa, essa possibilidade apenas existe, ou existe de forma mais ampliada, quando se tem um posto de trabalho que gere renda ao indivíduo. Dessa forma, não ter trabalho, para uma grande parcela dos jovens, é o mesmo que estar impedido de participar da sociedade contemporânea, através do que ela tem de mais característico, que é a constante aquisição de produtos que rapidamente são desprezados por seus proprietários e substituídos por novos produtos no mercado.

Ficou claro, durante as investigações, que os jovens entrevistados entendiam o

trabalho como único meio para concretizar a posse do dinheiro. Diante disso, os tipos de trabalho que os jovens conseguem não desqualificam o desejo juvenil pela posse de um posto de trabalho. Na concepção dos jovens entrevistados, ter emprego, mesmo que do tipo descrito anteriormente como de mais fácil acesso a eles, independente do salário e das condições, confere ao indivíduo a possibilidade de ter atendidas suas expectativas, mesmo que de forma parcial. E isso por si só já justifica a valorização e a busca por algum tipo de inserção laboral.

A primeira coisa que apareceu pra mim, depois de tanto tempo procurando um emprego, foi uma padaria. Eu entrei lá pra dentro, meu filho, e foi isso mesmo. É. Fiquei cheia de marca, aprendi a fazer pão, fazer um monte de coisas, mas é isso aí. Ganhei dinheiro (Laura, 17 anos, Valores de Minas).

Nesse caso a jovem demonstra uma postura paradoxal diante do trabalho que ela desempenha, pois ao mesmo tempo em que ela não o considera como ideal, quando se refere a ele como “a primeira coisa que apareceu”, ela o valoriza porque ele possibilita o acesso ao tão desejado dinheiro. É interessante observar que, embora os jovens entrevistados percebam que estes postos de trabalho que têm sido ocupados por eles não são adequados e não correspondem às suas demandas de forma satisfatória, os mesmos se submetem a essas ocupações a fim de evitar uma situação pior, que seria a de estar desempregado e, conseqüentemente, sem dinheiro. Essa situação coloca esse jovem em uma condição social de impossibilidade de se sustentar, de ter autonomia e também de poder consumir.

Conforme sugere Leite (2009), o jovem entende que qualquer inserção ocupacional, por mais precarizada e deteriorada que seja, é essencial na vida de um indivíduo, pois é ela que garante sua sobrevivência e a satisfação de seus desejos. Em relação aos jovens, a inserção no mercado de trabalho garante ainda a ideia de possibilidade de vivenciar a fase juvenil de forma mais próxima do que eles entendem como adequada. Ser detentor de um emprego significa evitar o não ter dinheiro e, conseqüentemente, ver sua autonomia para se locomover pela cidade e para consumir restringida. Essa situação ameaçaria a liberdade do jovem, impedindo sua independência: “Eu acho que independência é o que todo jovem quer. Todo mundo, mas o jovem principalmente. Jovem precisa de dinheiro. Eu acho que isso é tudo pro jovem” (Isabella, 18 anos, Empreendedorismo Juvenil).

Não ter dinheiro, portanto, é uma situação que deve ser evitada a todo custo, pois significa dependência, menos possibilidade de consumo e dificuldade de interação com os amigos nos lugares preferidos para passeio, como o *shopping*. Além de restringir a sensação de autonomia tão almejada por aqueles que vivem essa fase da vida. A ideia expressa na fala apresentada acima, de que o jovem precisa de independência e de dinheiro, foi repetida inúmeras vezes durante o trabalho de campo. Essa necessidade de ter dinheiro e a impossibilidade para conquistá-lo por outros meios que não seja através do trabalho fazem com que os jovens estabeleçam-se em postos de trabalho que, por um lado, são precarizados e por isso oferecem baixas remunerações, mas que, por outro lado, de alguma maneira, atendem a parte de seus anseios.

RECONHECIMENTO SOCIAL PELA VIA DO TRABALHO

Embora seja destacado o interesse juvenil pelo trabalho em função da possibilidade do acesso ao dinheiro, o interesse não se limita apenas a esse fator. Como os entrevistados demonstraram valorizar o trabalho, mesmo quando este não oferecia grandes benefícios que fossem úteis para atender a seus desejos de consumo e autonomia, buscaram-se outras possíveis motivações para a valorização do trabalho. A partir dessa investigação, percebeu-se que o trabalho, mesmo quando de baixa remuneração e oferecendo poucas garantias ao trabalhador, interessa ao jovem, pois este vê na condição de trabalhador uma forma de ser reconhecido e valorizado socialmente.

Este é o caso dos jovens que trabalham como estagiários. O estágio é um tipo de trabalho com remuneração baixa e com período pré-determinado para permanência do empregado e, por essa razão, não é visto como um tipo de trabalho adequado e capaz de satisfazer de forma plena os anseios juvenis. Mas se, por um lado, o estágio não corresponde aos desejos de boas condições, que podem ser representadas por alta remuneração e estabilidade profissional, por outro lado, representa a possibilidade de o jovem se reconhecer e ser reconhecido socialmente como trabalhador.

Eu comecei também a fazer estágio com 15 anos, na escola. E eu achava o máximo quando me perguntavam assim: “‘Cê’ trabalha?” “Trabalho. Eu faço estágio. Eu sou estagiária.” Eu achava lindo. Eu acho o máximo, assim. É muito gostoso isso porque parece que você “tá” dizendo assim: “Eu tenho independência, eu me banco.” Independente de qualquer outra coisa, o que eu quiser fazer, eu posso fazer aquilo e pronto (Denise, 17 anos, Laboratório de Culturas do Mundo).

Tendo por referência a fala da jovem acima, o valor do trabalho não está vinculado à possibilidade de gerar recursos que potencializam o consumo em grande escala, mas à possibilidade que essa jovem tem de se apresentar a outras pessoas como alguém que trabalhava, mesmo que fosse como estagiária. A condição social de trabalhadora permitia a essa jovem se reconhecer como alguém independente, capaz de se sustentar e de satisfazer seus desejos sem depender de outras pessoas.

Por vezes, pareceu controverso a valorização do estágio por alguns jovens, em um ambiente em que muitos outros o desqualificavam e o viam como trabalho inadequado. O jovem Gabriel, quando perguntado sobre qual o tipo de trabalho que o jovem tem acesso e se esse tipo era bom ou ruim, responde: “O jovem é estagiário. A maioria é estagiário. Nesta função você pode trabalhar como ‘escraviário’” (Gabriel, 17 anos, INOVE).

O uso da expressão “escraviário” foi bem compreendido entre os jovens participantes da entrevista em grupo que, através de falas simultâneas e manifestações de confirmação, concordaram com o jovem sobre o que representa o estágio. A relação que se faz entre o trabalho de um estagiário e de um escravo tem a ver com trabalho mal remunerado e que não oferece boas condições de trabalho, tendência predominante para trabalhadores estagiários. O estágio é visto pela maioria dos jovens como um tipo de trabalho que se ocupa por não ter a possibilidade de ocupar outro que lhe seja mais vantajoso.

No entanto, alguns jovens que trabalham em estágios sentem-se bem sendo reconhecidos como estagiários. Isso porque essa ocupação lhes confere o *status* de jovem independente em oposição ao jovem que não trabalha e que, por essa razão, é limitado em suas ações e desejos, pela dependência dos pais. Diante disso, entende-se que, para alguns jovens, interessa ser trabalhador pelo reconhecimento ou *status* social que essa condição vai lhes proporcionar, o que coloca em segundo plano outras vantagens dessa condição, como a real autonomia e a capacidade de consumo.

Essa divergência, que é percebida entre jovens que valorizam e jovens que não valorizam o estágio como uma forma de emprego, guarda relação também com o aspecto que mencionamos no início deste estudo, da necessidade de considerar a juventude a partir de perspectivas diversas. A opinião juvenil sobre renda, condições de trabalho e benefícios advindos do cargo ocupado pode variar significativamente quando se considera a origem familiar e, principalmente, a renda da família a que o jovem pertence. Assim, o estágio pode representar, para alguns jovens, uma forma de emprego inadequada, que não atende às expectativas criadas, enquanto que, ao mesmo tempo, pode representar, para outros jovens, um objetivo a ser alcançado, por se tratar de um tipo de ocupação visto como oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

O desejo de ser reconhecido socialmente como trabalhador e a valorização deste reconhecimento, demonstrados na fala da jovem Denise, apresentada anteriormente, em alguns casos, têm relação com a incorporação de princípios culturais que ocorre com jovens que nascem e crescem em meio a familiares que constituem a classe trabalhadora. Para Guedes (1997), a vida de jovens advindos de classes trabalhadoras é marcada por um processo de aprendizado que se constitui concomitantemente à criação do indivíduo dentro de seu ambiente familiar. Assim, quando o jovem inicia sua vida profissional, ele já foi transformado em um trabalhador. Conforme aponta a autora, os homens reproduzem-se no interior de uma cultura, de forma que o jovem, que têm pais que compõem a classe de trabalhadores, desejará ser trabalhador como parte de sua identidade, o que contrasta com a ideia de desocupados e vagabundos. Condições sociais que carregam certo estigma.

Essa situação explica a postura de alguns jovens que, mesmo diante de empregos com baixa remuneração e condições de trabalho pouco favoráveis, valorizam essas ocupações. Para estes a possibilidade e mesmo a necessidade de trabalhar é uma realidade presente desde muito cedo. É assim que estes se deparam com as primeiras oportunidades de trabalhar e iniciam sua vida como trabalhadores, já que essa posição, além de ser necessária para a manutenção, serve também como um fator de prestígio social entre os outros indivíduos do mesmo grupo.

Um processo pedagógico natural, e mesmo inconsciente, é desenvolvido dentro do processo de criação e socialização dos jovens que vivem nesse meio, o que provoca o desejo de ser trabalhador como uma forma de marca identitária distintiva e mesmo de reconhecimento social. Embora menos evidente nas falas, em alguns momentos pode-se perceber o desejo de ser reconhecido socialmente pela via do trabalho, de forma isolada ou concomitantemente ao desejo de consumo e autonomia, como atesta a fala desta jovem:

Eu não penso assim: ganhar milhões com isso não. Mas eu gostaria de ser reconhecida pelo meu trabalho. Não só passar num concurso e trabalhar ali. Vou chegar, fazer um projeto talvez. Vou chegar aos poucos, sabe? Vou entrar nas comunidades aos poucos, por onde eu moro, pelos meus amigos. Porque a maioria dos meus amigos mora na periferia. Entendeu? (Amanda, 17 anos, Valores de Minas).

Percebe-se que a jovem Amanda coloca a questão do reconhecimento social em primeiro plano e, ainda, aponta o desejo de trabalhar em meio às pessoas que fazem parte do seu convívio social. Esse desejo parece ser, para Amanda, mais relevante do que o desejo de ganhar dinheiro através do trabalho. Tal postura corrobora a ideia de que o desejo de ter trabalho também se encontra relacionado ao orgulho que o trabalhador tem de produzir e ser reconhecido positivamente por essa condição (GUEDES, 1997).

Diante disso, entende-se que, para o jovem, o desejo de ter emprego não está vinculado exclusivamente à possibilidade da renda, para assim poder consumir em larga escala ou ampliar consideravelmente sua autonomia diante da família e da sociedade. Embora essa relação seja a mais facilmente perceptível entre os jovens do Plug Minas, encontram-se outras motivações para o trabalho, como esta que é relacionada à identidade social, uma vez que o reconhecimento do indivíduo como trabalhador é muito valorizado em alguns contextos sociais e atua como motivação principal para a procura e o desejo por emprego.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC; Unesco, 2009. (Coleção educação para todos).

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil: questões e desafios. In: MATOS, Marlise; GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez (Orgs.). **Cidadania e a luta por direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais**. Belo Horizonte: DCP/FAFICH/UFMG, 2009. (v.5, p. 89-113).

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo: DIEESE, 2012.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói: EDUFF, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) 2009**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708>. Acesso em: 14 fev. 2012.

LARA, Ana Carolina de Siqueira. Plug Minas: A Gestão de um Projeto Social por uma OSCIP

em Minas Gerais. In: **CONGRESSO CONSAD DE GESTÃO PÚBLICA**, 3., 2010. Disponível em: <http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/arquivos/File/Material_%20CONSAD/paineis_III_congresso_consad/painel_41/plug_minas_a_gestao_de_um_projeto_social_por_uma_oscip_em_minas_gerais.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2014.

LEITE, Marcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: LEITE, Marcia de Paula; ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. **O trabalho reconfigurado**: ensaios sobre Brasil e México. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

MARQUES, Robson dos Santos. Entorno, drogas e violência nas escolas: uma contribuição sobre espacialidades no município de Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (Org.). **A Escola no singular e no plural**: um estudo sobre violência e drogas nas escolas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 211p.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. **Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado – PMDI 2007-2023**. Belo Horizonte: SEPLAG/MG, 2006. Disponível em: <http://www.planejamento.mg.gov.br/governo/publicacoes/arquivos/Plano_Mineiro_Desenvolvimento_Integrado_Final.pdf> Acesso em: 14 fev. 2012.

PEREIRA, Angélica Silva; BARBIN, Elisabete Maria. Paisagens juvenis urbanas: identidades cambiantes nos movediços terrenos da cultura. In: OLIVEIRA, Teresinha Rodrigues de; GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga; CASTRO, Carmem Lúcia Freitas de. **Políticas Públicas de Juventude**: contextos, percepções e desafios da prática. Belo Horizonte: UEMG, 2010.

PLUG MINAS. **Termo de Replicação**: Critérios. Dezembro de 2009. Disponível em: <www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110105105039109>. Acesso em: 14 fev. 2012.

PLUG MINAS. **Regimento Interno**. Disponível em: <www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20101130180816156>. Acesso em: 23 jan. 2012.

POCHMANN, Márcio. Educação, trabalho e juventude: o dilema brasileiro e a experiência da Prefeitura de São Paulo. In: ABDALA, Ernesto; JACINTO, Claudia; SOLLA, Alejandra (Org.). **La inclusión laboral de los jóvenes: entre la desesperanza y la construcción colectiva**. Montevideo: OIT/Cinterfor, 2005.

Data da submissão: 17/12/2013

Data da aprovação: 11/08/2014

